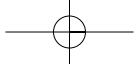


Regressava a casa atravessando os campos. Estávamos a meio do Verão. O feno já tinha sido levado dos prados, preparava-se a ceifa do centeio.

Nesta temporada há toda uma série de flores maravilhosas: os mil-fólios vermelhos, brancos, rosados, aromáticos, vaporosos; as margaridas descaradas; os malmequeres brancos de leite com o coração amarelo-vivo e um cheiro condimentado, pútrido; o agrião-da-terra amarelo com o seu odor meloso; as campânulas altas, de cor branca e lilás, com a flor em forma de tulipa; as ervilhacas rastejantes; as escabiosas amarelas, vermelhas, rosadas, liláceas, todas apuradas; a tanchagem com a sua penugem ligeiramente rosada e o seu cheirinho agradável, quase imperceptível; as centáureas exibindo-se ao sol, em azul vivo na juventude e em azul claro e avermelhado na velhice; e as ternas flores do linho-de-cuco, cheirando a amêndoa e céleres no murchar.

Depois de ter juntado um grande ramo de flores diversas, ia para casa quando descobri, num fosso, um maravilhoso cardo, carmesim, em plena flor, daquela espécie que entre nós se chama de «tártaro» e que, durante a sega da erva, é sempre contornado com cuidado e, caso seja cortado sem querer, é tirado do feno pelos gadanheiros para não picar as mãos. Apeteceu-me colher o cardo e pô-lo no meio do ramo. Desci ao fosso e, depois de enxotar um abelhão felpudo que adormecera deleitosamente agarrado à flor, comecei a partir o caule. Muito difícil, porém: a haste não só picava por todos os lados, mesmo através do lenço com que eu tinha envolvido a mão, mas era também tão duro que lutei com ele uns cinco minutos, pelo menos, rasgando os filamentos um a um. Quando, por fim, arranquei a flor, a



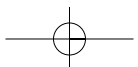
haste estava toda em farrapos e a flor já não parecia fresca nem bonita. Além disso, o seu aspecto tosco e berrante não condizia com as ternas flores com que eu compusera o ramo. Lamentei ter destruído inutilmente uma flor que, no seu lugar, era tão linda. Deitei-a fora. «É impressionante a força, a energia daquela flor — pensei, recordando o que me custara arrancá-la. — Lutou muito pela vida e vendeu-a caro.»

O trajecto passava pelo barbecho de terra negra, acabado de lavar. Eu seguia pelo caminho negro e poeirento, ligeiramente a subir. O campo lavrado era senhorial, muito grande, de maneira que de ambos os lados e em frente do caminho não se via nada além do arroteamento negro, com sulcos regulares, ainda por gradar. A lavra fora ótima, em lado nenhum se via planta ou erva — tudo negro. «Que ser destruidor e cruel é o homem, quantas criaturas vivas, quantas plantas de todo o género ele exterminou para sustentar a sua própria vida» — pensava eu, procurando involuntariamente qualquer coisa viva no meio desse campo morto e negro. À minha frente, à direita do caminho, via-se um pequeno arbusto. Quando me aproximei dele, reconheci um «tártaro» igual ao anterior, a que tinha arrancado inutilmente uma flor que depois deitara fora.

O arbusto de «tártaro» tinha três hastes. Uma fora arrancada, as outras duas espetavam-se como cotos de braço. Cada qual com a sua flor, dantes vermelha, agora preta. Um caule dobrava-se, partido, com a sua flor suja na ponta; o outro, embora coberto de lama negra, ainda se erguia. Era evidente que o arbustinho fora pisado por uma roda e só depois se levantara, estando por isso retorcido. E mesmo assim de pé. Era como se lhe tivessem arrancado um pedaço do corpo e um braço, o tivessem esventrado, lhe tivessem vazado um olho, mas segurava-se em pé e não se entregara ao homem que matara todos os seus irmãos à volta.

«Mas que energia! — pensei. — O homem venceu tudo, exterminou milhões de ervas, mas ele continua a resistir.»

Então, lembrei-me de uma história caucasiana que em parte testemunhei, em parte ouvi contar por outros, e o resto fantasiei. Esta história, tal como se formou na minha memória e imaginação, é a que relato a seguir.



## 1

Aconteceu no fim do ano de 1851.

Numa tarde fria de Novembro, Hadji-Murat entrou no aúl<sup>1</sup> Mahket, o dos tchetchenos belicosos, sobre o qual se levantava o fumo aromático de kiziak<sup>2</sup> queimado.

Há uns instantes silenciou-se o canto tenso do muezim e no montanhoso ar puro impregnado do odor de fumo do kiziak ouviam-se nitidamente, no meio do mugido das vacas e do balido das ovelhas, que recolhiam às sáklias<sup>3</sup> coladas entre si como favos, as vozes guturais dos homens a discutirem e as vozes femininas e infantis vindas de baixo, dos lados da fonte.

Este Hadji-Murat, famoso pelas suas façanhas, era o naíb<sup>4</sup> de Shamil e nunca se metia a caminho senão com o seu estandarte e acompanhado por algumas dúzias de murides<sup>5</sup> cavalgando à sua volta. Agora, porém, coberto de bachlik<sup>6</sup> e burka<sup>7</sup>, da qual se assomava a espingarda, ia acompanhado apenas por um murid, tentando dar o menos possível nas vistas e perscrutando cautelosamente, com os seus rápidos olhos negros, as caras da gente local que encontrava pelo caminho.

Chegado ao centro do aúl, Hadji-Murat não meteu pela rua que desembocava na praça mas virou à esquerda, para uma viela estreitinha. Ao acercar-se da segunda sákliá, cavada na parede do monte, parou, lançando olhares à sua volta. Sob o alpendre não havia ninguém, mas no telhado, por trás da chaminé recentemente rebocada de barro, estava deitado um homem coberto com um tulup<sup>8</sup>. Hadji-Murat tocou com o cabo do azorrague, ao de leve, no homem deitado e estalou a língua. Debaixo do tulup soergueu-se um velho, de barrete de noite e um bechmet<sup>9</sup> çoçado e roto. Os olhos do velho, privados de pestanas, estavam vermelhos e húmidos, e pestanejava para os despegar. Hadji-Murat pronunciou o habitual «Salam aleikum» e descobriu a cara.

— Aleikum salam — disse o velho ao reconhecer Hadji-Murat e, sorrindo com a boca desdentada, endireitou-se nas pernas magras e enfiou os pés nos tamancos de saltos de madeira que pusera junto à chaminé. Já calçado, enfiou devagar as mãos no encarquilhado tulup sem forro e começou a descer do telhado, de frente para a escada. Enquanto se vestia e descia, o velho não parava de baloiçar a cabeça no pescoço fino, enrugado e bronzeado, e de mascar com a boca desdentada. Chegado ao chão, pegou, hospitaleiro, na rédea e no estribo

direito do cavalo de Hadji-Murat. Porém, o murid hábil e forte apeou-se de um salto e, afastando o velho, substituiu-o.

Hadji-Murat apeou-se também e, coxeando ligeiramente, entrou no alpendre. Da porta saiu rapidamente ao seu encontro um rapazito dos seus quinze anos que, surpreendido, espetou nos recém-chegados os olhos brilhantes, negros como a groselha madura.

— Corre à mesquita, chama o teu pai — mandou o velho e, ultrapassando Hadji-Murat, abriu-lhe a porta leve que rangeu. Quando Hadji-Murat estava a entrar, uma mulher de meia-idade, fina e magra, de calças azuis e bechmet encarnado por cima da camisa amarela, surgiu de uma porta interior carregando uma braçada de almofadas.

— A tua visita traz-nos felicidade — disse ela. E, dobrando-se, começou a encostar as almofadas à parede da frente para o convidado se sentar.

— Que os teus filhos estejam salvos — respondeu Hadji-Murat, tirando a burka, a espingarda e o sabre, e entregando-os ao velho.

O velho pendurou com cuidado a espingarda e o sabre num prego ao lado das armas do dono de casa, no meio de dois alguidares grandes que brilhavam na parede rebocada, lisa e impecavelmente caiada.

Hadji-Murat ajeitou atrás das costas a pistola, dirigiu-se para as almofadas dispostas pela mulher e, fechando a tcherkeska<sup>10</sup> no peito, alapou-se nelas. O velho sentou-se sobre os calcanhares descalços em frente do convidado, fechou os olhos e levantou as mãos de palmas para cima. Hadji-Murat fez a mesma coisa. A seguir, ambos leram a oração e passaram as mãos pelas caras, juntando-as nas pontas das barbas.

— He habar? (o que há de novo?) — perguntou Hadji-Murat ao velho.

— Habar iok (nada de novo) — respondeu o velho, fitando os seus olhos vermelhos e mortiços no peito, e não na cara de Hadji-Murat. — Vivo no colmeal, só hoje vim visitar o meu filho. O filho é que sabe.

Hadji-Murat percebeu que o velho não lhe queria dizer o que sabia e o que ele, Hadji-Murat, queria saber, de maneira que acenou levemente com a cabeça e não voltou a fazer perguntas.

— Nada do que há de novo é bom — voltou a falar o velho. — De novo há somente que as lebres discutem como é que podem expulsar as águias. Mas as águias fazem-nas em frangalhos, umas atrás das outras. Na semana passada, os cães russos queimaram o feno dos Mit-chítski. Que seja rasgada a cara deles — rouquejou o velho com raiva.

Entrou o murid de Hadji-Murat e, avançando no passo suave dos seus pés grandes e fortes pelo chão de terra batida, tirou a sua burka, a espingarda e o sabre, tal como fizera Hadji-Murat, e pendurou-os nos mesmos pregos onde estavam as armas deste.

— Quem é? — perguntou o velho, apontando para o homem.

— É o meu murid. O nome dele é Eldar — disse Hadji-Murat.

— Está bem — disse o velho. E indicou a Eldar um lugar no tapete de feltro, ao lado de Hadji-Murat.

Eldar sentou-se com as pernas cruzadas e, silenciosamente, fixou os seus belos olhos de carneiro no velho que, entretanto, se tornara loquaz. O velho contava que, na semana anterior, uns valentões tinham apanhado dois soldados russos: mataram um deles e mandaram o outro para Vedeno, para Shamil. Hadji-Murat ouvia distraidamente, lançando olhares para a porta e atento aos sons de fora. Sob o alpendre da sákliá ouviram-se passos, a porta rangeu e entrou o dono da casa.

O dono da sákliá, de nome Sado, era um homem dos seus quarenta anos, com uma barbicha curta, narigudo e com uns olhos que, embora menos brilhantes, eram tão negros como os do filho, o rapaz de quinze anos que fora buscá-lo e que agora, entrando com ele, se sentou ao pé da porta. À entrada, o dono da casa tirou os tamancos de madeira, puxou o gorro velho e coçado para a nuca — pelo cabelo negro que lhe cobria a cabeça, havia muito que não tinha sido rapada — e logo a seguir sentou-se de cócoras em frente de Hadji-Murat.

Tal como fizera o velho, fechou os olhos, levantou as mãos de palmas para cima, disse a oração, passou as mãos pela cara e só depois disso começou a falar. Disse que tinha chegado ordem de Shamil para deter Hadji-Murat, vivo ou morto, que os mensageiros de Shamil se haviam ido embora apenas no dia anterior e que o povo tinha medo de desobedecer a Shamil; por isso era preciso ter cuidado.

— Em minha casa — disse Sado —, enquanto estiver vivo, ninguém fará mal ao meu kunak<sup>11</sup>. Mas no campo? É preciso pensar.

Hadji-Murat ouvia com atenção e acenava com a cabeça, aprovando. Quando Sado acabou de falar, disse:

— Está bem. Agora há-de mandar aos russos um homem com a carta. O meu murid vai lá, precisa apenas de um guia.

— Mando com ele o meu irmão Bata — disse Sado. — Chama o Bata — dirigiu-se ao filho.

O rapazinho, como que disparado por uma mola, pôs-se de pé nas pernas ágeis e, baloiçando os braços, saiu rapidamente da sákliá. Pas-